

Travessia '07/08: Ao completar 50 anos em 2008, a bossa nova nos convida a rever João Gilberto e seu projeto nacional

Uma promessa de felicidade

Mario Sergio Conti*

Ainda se discute se a bossa nova é um movimento ou um estilo, um momento do jazz ou um capítulo da música brasileira. Mas todos concordam que em 2008 ela completa meio século de existência. Ela nasceu em dois discos. O primeiro foi o LP de Elizeth Cardoso *Canção do Amor Demais*, gravado em abril. Nele, a cantora era acompanhada ao violão, em duas músicas (*Chega de Saudade*, de Tom Jobim e *Vinicius de Moraes*, e *Outra Vez*, só de Jobim), por João Gilberto. Como foi a primeira vez que se ouviu a batida do violão do músico baiano (que tinha na época 26 anos), o disco é considerado o marco inicial da bossa nova.

Está certo: a batida rompeu com a cadência do samba quadrado, elasteceu as possibilidades do instrumento, deu aos violonistas a liberdade de criar novas harmonias. Com o mindinho e o polegar esticados, quase retos, e os três dedos do meio puxando as cordas, a batida compacta que atrasava e adiantava o ritmo era, além de nova, moderna.

Mas também está errado: em julho, João Gilberto gravou um segundo disco, um compacto com duas músicas, *Hô-bá-lá-lá*, dele mesmo, e *Desafinado*, de Jobim e Newton Mendonça. Aí se pôde ouvir que, para além da batida de violão, a voz do cantor era essencial ao novo som. No disco, a bossa nova estava completa: a integração de voz e violão formavam um todo, no qual a voz fazia as vezes também de instrumento, em que o fraseado se adiantava ou atrasava em relação ao instrumento. Era algo diferente. Era bossa nova.

A invenção comportava outros elementos. A interpretação era contida, sem vibratos e derramamento, dando a impressão de ser um canto íntimo, quase falado, espontâneo, no qual se notava pouco o esforço, o trabalho que estava na sua base. João Gilberto, no entanto, já disse que aquilo tudo era samba mesmo, e os ouvintes foram avisados logo de cara: "Eis aqui este sambinha..."

Como relata Ruy Castro em *Chega de Saudade*, o som de João Gilberto teve um impacto imediato nos músicos jovens da zona sul carioca. Ele era diverso de tudo o que ouviam e, ao mesmo tempo, estava sintonizado com a vida que levavam e com as suas aspirações. O sucesso de público, contudo, aconteceu primeiro em São Paulo, e só depois no Rio.

Apesar de tudo isso, a bossa nova ainda não estava completa. A expressão "bossa nova" só apareceu em março do ano seguinte, 1959, quando foi lançado o primeiro LP de João Gilberto, *Chega de Saudade*. Nele, a expressão aparecia na letra de *Desafinado*, de Jobim e Newton Mendonça - "isto é bossa nova, isto é muito natural" - e na pri-

meira frase da apresentação do disco, na contracapa: "João Gilberto é um baiano 'bossa nova' de vinte e sete anos". Jobim, que escreveu o texto, na frase seguinte dá bem a dimensão do impacto do som de João Gilberto nos jovens músicos cariocas: "Em pouquíssimo tempo influenciou toda uma geração de arranjadores, guitarristas, músicos e cantores."

Depois de dizer que João Gilberto fez praticamente tudo no LP ("seus palpites, suas idéias, estão todas aí. Quando João Gilberto se acompanha, o violão é ele. Quando a orquestra o acompanha, a orquestra também é ele"), Jobim capta com precisão a sensibilidade e intenção do seu companheiro: "João Gilberto não subestima a sensibilidade do povo. Ele acredita que há sempre lugar para uma coisa nova, diferente e pura (...). Porque o povo compreende o Amor, as notas, a simplicidade e a sinceridade".

Jobim corrobora a visão do autor de *Bim Bom*: "Eu acredito em João Gilberto, porque ele é simples, sincero e extraordinariamente musical". E acrescenta um P.S.: "Caymmi também acha". Foi só no LP *Chega de Saudade* que a bossa nova surgiu por inteira: na voz e violão de João Gilberto, nos arranjos, regência e composições de Tom Jobim e nas suas parcerias com Vinicius de Moraes (*Brigas Nunca Mais* e a faixa-título), na bateria de Milton Banana e na dobradinha de Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli (*Lobo Bobo e Saudade Fez um Samba*).

As letras do disco, e dos outros dois de João Gilberto que se seguiram, eram diretas e coloquiais, falavam do amor, do sorriso e da flor, de um ambiente carioca de zona sul, de sol, de mar. Era uma música aberta e ensolarada, sem gaiatices, sem dor-de-cotovelo e sátiras a isso ou aquilo, sem saudade de zabumba e sertão.

Em que pese tanta novidade, o passado e a continuidade também estavam lá. Além do atestado no PS da contracapa - "Caymmi também acha" - o compositor baiano tinha a sua *Rosa Morena* interpretada por João Gilberto. Havia também *Aos Pés da Cruz*, de Marino Pinto e Zé Gonçalves, um sucesso na voz de Orlando Silva (que

AINDA SE DISCUTE SE É UM ESTILO, UMA BATIDA DE SAMBA OU UM TIPO DE JAZZ

João Gilberto considerava o melhor cantor do mundo). E havia a interpretação de dois sambas de Ary Barroso, *É Luxo Só e Morena Boca de Ouro*.

O projeto de João Gilberto tinha assim, desde o início, uma dimensão histórica: a de buscar no passado e na tradição da música popular tudo aquilo que, retrabalhado, sensibilizaria o presente. Por isso, já no primeiro disco, gravou Caymmi e Ary Barroso. Ao longo de cinco décadas, essa busca se repetiu, se aprofundou, se radicalizou.

Dai as interpretações de Ja-



JOÃO - Música aberta e ensolarada, sem gaiatices, sem dor-de-cotovelo, sem saudade de zabumba e sertão

net de Almeida, de Herivelto Martins, de Noel Rosa, de Jayme Silva e Neusa Teixeira, de Lúcio Alves e Haroldo Barbosa, de Geraldo Pereira, de Garoto, de Carlos Coqueijo, de Bororó, de Denis Brean, de Lamartine Babo, de Wilson Batista. A operação se estendeu à música de fora do Brasil, quando ele cantou em espanhol (*Besame Mucho e Farolito*), em inglês (*You Do Something to me*), em italiano (*Estate*) e em francês (*Que Reste-t-il de nos Amours*).

O projeto de atualização do passado foi, e é, altamente pessoal, indiosincrático. Ele é de João Gilberto, e não da bossa nova. A sua seleção de músicas antigas obedece a critérios existenciais. Ele só cantou, e canta, músicas que conheceu e amou na infância, em Juazeiro, onde nasceu, em Aracaju, onde estudou interno, e em Salvador, onde começou a carreira. E, depois, na mocidade no Rio, das figuras de gerações passadas que conheceu pessoalmente.

É o caso de Caymmi, de quem foi amigo. De Wilson Batista, com quem conversava em Copacabana. E de Ary Barroso, que ele conheceu num restaurante no Flamengo, em 1963. (O compositor de *Aquarela*

do Brasil) chamou à mesa, o elogio e disse: "Se eu estiver vivo daqui a um ano, me procure"; Barroso morreu alguns meses depois.)

A bossa nova se internacionalizou. Repetiu no exterior o percurso seguido internamente: primeiro, atraíu músicos, e depois ouvintes. Entre os músicos, os americanos foram os primeiros a admirarem o som da bossa, formando um arco formidável que vai de Miles Davis (que gravou *Aos Pés da Cruz*), Stan Getz (que fez dois discos com João Gilberto), Frank Sinatra (que tocou com Tom Jobim) a Ella Fitzgerald (que fez um disco só com músicas de Jobim). O marco inicial da internacionalização foi o concerto no Carnegie Hall, em Nova York, em 1962, no qual Tom Jobim e João Gilberto se apresentaram - e Dizzy Gillespie estava na platéia.

Depois, foi a vez da Europa, sobretudo na França, onde a bossa nova se beneficiou do sucesso de *Orfeu do Carnaval*, o filme de Marcel Camus, baseada numa peça de Vinicius de Moraes com músicas de Jobim e Luiz Bonfá, que recebeu a Palma de Ouro no Festival de Cannes em 1959. E, por fim, o Japão, onde hoje se ouve mais João Gilberto e Nara Leão do

que no Brasil.

Depois do show no Carnegie Hall, João Gilberto ficou nos Estados Unidos. Até 1980, morou no exterior, nos Estados Unidos e no México, e fez extensas temporadas na Itália e na França. Tom Jobim, igualmente, viveu longos períodos nos Estados Unidos. De certa forma, eles seguiram o caminho trilhado antes por Ary Barroso, que em 1944 foi pela primeira vez

TOM E JOÃO FORAM PARAR NOS EUA, REPETINDO O CAMINHO DE ARY BARROSO

aos Estados Unidos, ano em que concorreu ao Oscar com a música *Rio de Janeiro*. São de Ary Barroso duas das músicas brasileiras mais conhecidas internacionalmente, *Aquarela do Brasil* e *Na Baixa do Sapateiro*, ambas gravadas por João Gilberto.

No esquema criado pelo poeta americano Ezra Pound, os inventores criam uma nova forma de abordar a literatura, e os mestres são aqueles que dominam essa nova forma, dela tirando todas as possibilidades e influenciando todo o panorama

artístico. A eles se seguem os beletristas e os diluidores. O esquema, além de a-histórico, é reducionista. Mas serve para um começo de conversa.

Nessa chave, João Gilberto seria o inventor da bossa nova, e Jobim, o mestre. Ocorre que Jobim participou da invenção da música, e João Gilberto é também o seu mestre. Mestre no sentido mais imediato: o daquele que ensina diretamente. Antes mesmo da bossa nova, duas cantoras (injustamente esquecidas) se beneficiaram do contato com João Gilberto: Silvinha Telles e Mariza Gata Mansa. Depois, Astrud Gilberto e Miúcha, com quem foi casado, desenvolveram seu enorme talento junto a ele.

O mesmo vale para figuras tão díspares, e de personalidade forte, como Gal Costa, Rita Lee, os Novos Baianos, Caetano Veloso. Todos eles tiveram contato com João Gilberto, e com ele aprenderam. Grandes momentos deles estão definitivamente atados ao convívio com o criador da bossa nova.

Exemplo dessa maestria é o LP *Brasil*, a obra prima que ele gravou, em 1981, com Caetano, Bethânia, Gal e Gilberto Gil. Numa resenha daquele ano, no *Jornal da Tarde*, Sérgio Vaz foi cerceiro, inclusive no uso da palavra "mestre".

São três vozes - mas três vozes em uníssono, mais parecendo três vozes de João Gilberto mixadas em estúdio. É preciso ouvir várias vezes para perceber claramente que ali estão, ao lado da voz-guia, da voz do mestre, as vozes personalíssimas de Caetano e Gil. Você jamais ouviu Maria Betânia cantar daquela forma. Ela é outra. Não grita, não geme, não faz drama. Apenas canta - belissimamente, como jamais cantou.

Essa influência se manifesta agora na modernidade de sua filha, Bebel Gilberto, umas das cantoras brasileiras hoje mais conhecidas e admiradas no exterior.

No cinquentenário da bossa nova, é preciso voltar a João Gilberto. Na sua arte existe um projeto nacional, uma aspiração ao que o Brasil poderia ser. Não é acaso que, em alguns shows, ele tenha reinventado até o *Hino Nacional* (e cumprido, de certa forma, a apreciação de Miles Davis: se João Gilberto ler um jornal em voz alta, isso será música).

Num ensaio de 1992, publicado na revista *Novos Estudos*, Lorenzo Mammì sustenta que a música de João Gilberto "se projeta no futuro, possui uma carga utópica". Ele diz: "O caráter indefinido, impressionístico, com que pensávamos uma melodia sem cantá-la, de repente o reencontramos nítido, objetivo, mas ainda indefinido e íntimo, numa gravação de João Gilberto". Valentemente, Mammì aproxima João Gilberto de Marcel Proust. E conclui: "Se o jazz é vontade de potência, a bossa nova é promessa de felicidade".

*Mario Sergio Conti, diretor de redação da revista *Piauí*, é autor de *Notícias do Planalto* (Companhia das Letras)

20/3

Fora de lugar

É aberta a exposição Itaú Contemporâneo: Arte no Brasil, no Itaú Cultural, em São Paulo. A decisão da cenógrafa Bia Lessa e do curador Teixeira Coelho de instalar 22 telas no chão divide os artistas: alguns gostam da abordagem inovadora, outros argumentam que suas obras foram criadas para serem vistas na parede, não no chão.

25/4

O dono da batuta

Há dez anos à frente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo o maestro John Neschling sente a ameaça de ter de deixar o cargo. O governador de São Paulo, José Serra não esconde sua vontade de ver Neschling substituído por Roberto Minczuk. O motivo seria o alto salário do regente, estimado em R\$ 110 mil. Em novembro,



vem à tona no YouTube um vídeo em que o maestro critica Serra: "É um menino mimado, um autoritário", esbraveja Neschling.

27/4

Detalhes perigosos

Depois de meses de polêmica, o cantor Roberto Carlos, a editora Planeta e o autor Paulo César Araújo chegam a um acordo no qual a editora se compromete a interromper a publicação da biografia não autorizada Roberto Car-

los em *Detalhes* e recolher todos os exemplares do mercado. A editora entregaria ainda todo o estoque de livros ao cantor. Em troca, Roberto Carlos abriria mão da indenização. O caso gera controvérsia sobre censura e direitos autorais. Apesar do acordo, cópias piratas circulam pela internet.

06/5

Pancadaria na Virada

Seis pessoas ficam feridas, 14 são presas e parte do centro de São Paulo é destruída depois de uma batalha campal, na Praça da Sé, que mancha a 3ª edição da Virada Cultural. O conflito começa com uma briga entre grupos de fã de rap que aguardavam o show dos Racionais MC's. O confronto se generaliza e o show é interrompido. Não

fica claro se a polícia reagiu com muita violência e se os músicos do Racionais incitaram o público contra os policiais.

14/5

Banana de pijama

Luana Piovani declara à revista *Trip* que, para ela, Caetano Veloso morreu. A atriz, que acreditava que a canção *Um Sonho*, do álbum *Cê*, tinha sido composta para ela, ficou magoada depois que o cantor negou que ela tenha sido sua musa. "Ele era um deus e descobri que era um banana de pijama", disse. Um mês depois, Caetano volta atrás e afirma que a canção foi, na verdade, "parcialmente inspirada" em Luana.

20/12

Roubo no Masp

Após duas tentati-



vas frustradas, ladrões invadem o Masp e roubam duas telas: *Retrato de Suzanne Bloch*, de Pablo Picasso, e *O Lavrador de Café*, de Cândido Portinari. Avaliadas em R\$ 99 milhões, as obras não tinham seguro. O alarme estava desativado. O episódio demonstra a fragilidade do sistema de segurança do museu, cujo acervo de 8 mil obras está avaliado em R\$ 17 bilhões.

ALIÁS
O ANO
REVISTO

Derrapadas
culturais

2007 >>